



LUTA

Quem perambula e dorme pelas calçadas da Capital afirma que às vezes é agredido, xingado e até apedrejado

Gildo Loyola

Medo e insegurança marcam vida da população de rua de Vitória

O medo e a insegurança marcam o dia-a-dia da população de rua que perambula por Vitória. O episódio do índio queimado vivo esta semana em Brasília, sob a justificativa de que ele era mendigo, descortinou a realidade vivida pelas pessoas que elegeram a rua para morar. Agressões, xingamentos, apedrejamentos e abandono já fazem parte de suas vidas, na luta pela sobrevivência.

Morando há três meses em um módulo desativado da Polícia Militar, no final da Praia de Camburi, Adelina Alves, 43, conta que as noites de sono são curtas, devido ao medo das agressões cometidas por outras pessoas que passam próximas ao local onde ela está abrigada.

“Nós só dormimos em locais movimentados e muitas vezes fazemos revezamento. Quando um dorme, outro dá uma olhada. As pessoas são muito maldosas, principal-

mente os meninos mais novos que passam por aqui xingando a gente, muitas vezes jogam pedras e eu fico com medo de dormir à noite e ser agredida”, disse Adelina, acrescentando que já foi dona de uma casa em Santa Lúcia e que tem três filhos morando com a sua mãe.

Adelina recusa-se a explicar o que a levou a sair de casa. Diz apenas que sabe que seus filhos estão bem, aos cuidados da sua mãe. “Eu não sei explicar por que saí. Só sei que já estou há cinco anos na rua. A minha filha mais velha, de 19 anos, já está casada e os meus dois meninos menores estão sendo cuidados pela minha mãe”, disse, ressaltando que sobrevive da doação de comida de algumas pessoas, igrejas, e da pesca de sururu, na Praia de Camburi.

Amigo de Adelina, Jocélio Urbano dos Santos, 28, também mora no Módulo Policial Militar. Ele diz que já foi casado e com a separação acabou indo morar na rua, quando tinha

19 anos. “Eu casei de novo, mas deixei a minha casa lá em Novo Brasil, Cariacica, para a minha ex-mulher e a minha filhinha de seis anos, e caí no mundo”, explicou.

Quando estava sendo entrevistado, Jocélio recebeu em sua “casa” a visita de um menino de 17 anos, pedindo comida. “Tenho pouca comida, mas o que eu tenho dá pra nós dois comer. Senta aí”, convidou Jocélio, integrando mais um menino, que não quis falar seu nome, ao grupo. De acordo com Jocélio e Adelina, mais três pessoas moram com eles no módulo.

A Secretaria de Justiça e Cidadania não possui números da população de rua circulando na Capital. Segundo uma das funcionárias da Coordenação de Promoção Social, Cláudia Rossoni, o levantamento não existe porque somente as prefeituras que desenvolvem trabalhos com a população de rua é que possuem os dados.

Pesquisa traça perfil de mendigos

Atualmente existem 166 famílias e 250 crianças circulando pelas ruas da Capital, segundo informou a secretária de Ação Social de Vitória, Wânia Malheiros. Ela explicou que uma equipe de 16 educadores de rua faz a abordagem dessas pessoas, durante o dia, exceto aos domingos.

De acordo com a secretária, a Prefeitura de Vitória programou para o próximo mês uma pesquisa para traçar o perfil dessas pessoas, seus hábitos e costumes. O estudo também indicará qual a geração que está nas ruas de Vitória e como eles se comportam diante da sociedade.

A pesquisa está em fase de lici-

tação. Depois dessa abordagem e, dependendo do perfil em que esta população se encontra, ela pode ser encaixada no Abrigo para Mendigos, que funciona próximo ao Parque Tancredão, com capacidade para 50 pessoas. Atualmente, o abrigo está com a lotação esgotada, com 60 pessoas.

Outro programa que a PMV possui na população de rua é o Albergue para Imigrantes, que atende às pessoas que vêm de outras cidades e que não conseguem encontrar emprego na Capital.

O Albergue desenvolve um trabalho preventivo, evitando que as pessoas se transformem em men-

digas, devido à falta de empregos e condições de sobrevivência.

Quando um migrante chega à cidade, ele tem direito a passar sete dias no albergue, recebendo alimentação e estadia gratuitos. Depois deste período, se a pessoa não conseguir encontrar emprego, a PMV compra a passagem e a manda de volta à cidade de origem.

Segundo Wânia Malheiros, o município de Vitória nunca registrou nenhuma agressão a mendigos, como a que foi cometida contra o Índio, em Brasília. “Eles se agredem muito entre eles, mas felizmente nós ainda não tivemos nenhum caso como este”, explicou.